

O Desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas

Denny Moore, Ana Vilacy Galucio, Nílson Gabas Júnior, Museu Goeldi-MCT

As Línguas:

A questão do desaparecimento de línguas indígenas vem chamando a atenção nos últimos anos, com notícias da situação precária em que se encontram muitos idiomas nativos, e sobre a necessidade de medidas urgentes para preservá-los e revitalizá-los. Sabe-se que a população indígena atual é bem inferior à que existia no passado. Apesar de a imigração européia ter sido relativamente limitada nos dois primeiros séculos do período colonial, as línguas nativas foram sendo extintas. Estima-se que cerca de 75% delas se perderam nos últimos 500 anos. As regiões do Brasil que foram ocupadas por mais tempo têm o menor número de sociedades indígenas e menos línguas nativas, especialmente o leste brasileiro, onde poucos grupos autóctones falam como seus antepassados. A sobrevivência de povos nativos se deu em maior número em áreas remotas, especialmente na Amazônia, onde o contato com a sociedade nacional foi mais recente e menos intenso. Além de ser a região com maior concentração de populações indígenas no país, a Amazônia apresenta também grande diversidade lingüística e cultural. A região concentra mais de dois terços das línguas indígenas faladas no país. Somente no estado do Pará há cerca de 25 idiomas nativos, um número semelhante ao de línguas faladas na Europa ocidental.

Apesar do decréscimo populacional e, conseqüentemente, da quantidade de línguas nativas, o Brasil ainda apresenta certa densidade no número de línguas faladas e também uma larga variedade genética – ou seja, há várias famílias lingüísticas representadas no país. Esses idiomas geralmente são classificadas em dois grandes troncos lingüísticos (Macro-Jê e Tupi), quatro famílias lingüísticas de grande porte (Aruák, Karíb, Páno e Tukáno), seis famílias de médio porte (Arawá, Katukína, Makú, Nambikwára, Txapakúra e Yanomámi), três famílias menores (Bóra, Guaikuru e Múra) e sete línguas isoladas (Aikanã, Kanoê, Kwazá, Irântxe, Mynký, Trumai e Tikúna). Há ainda dois grupos indígenas no norte do Amapá, o Galibí-Marwórno e o Karipúna do Norte, que falam línguas crioulas, grandemente influenciadas pelo crioulo baseado no Francês da Guiana Francesa.

Número de Línguas:

Para termos uma idéia do tamanho da tarefa de documentar e preservar as línguas indígenas seria útil saber quantas restam. Porém, o total não está disponível, pois ainda não existe a coleta sistemática de dados nesse campo. Idiomas considerados diferentes às vezes são, de fato, dialetos de uma mesma língua, freqüentemente refletindo divisões étnicas e políticas. Por exemplo, na família lingüística Mondé do tronco Tupi, a fala dos Gavião de Rondônia e a fala dos seus vizinhos Zoró são geralmente listadas como línguas distintas, quando, na realidade, são dialetos tão próximos quanto o português de Salvador e o português do Rio de Janeiro. Todos os critérios para agrupar dialetos em línguas têm limitações, mas lingüistas comumente utilizam inteligibilidade mútua como indicação prática. Embora 180 venha sendo repetido com freqüência como sendo o total de línguas indígenas brasileiras, pelo critério de inteligibilidade mútua, a soma dificilmente ultrapassa 150. Línguas novas aparecem com grupos contatados pela primeira vez, ou pela descoberta de falantes de línguas consideradas extintas. Por exemplo, um falante da língua Kaixána foi recentemente encontrado no Rio Japurá e dois falantes de Guarasú foram localizados em

Pimenteiras, Rondônia. Por outro lado, línguas já extintas continuam sendo listadas. Por exemplo: Torá, citada por um autor em 2006 como tendo 52 falantes, é dada como extinta há algum tempo pelo website do Instituto Socioambiental.

Número de Falantes:

Sabemos menos ainda sobre o número de falantes de cada língua, fator básico para se avaliar sua viabilidade. Essas informações são difíceis de coletar, e há uma certa tendência de confundir a população de um grupo com o número de indivíduos que falam a sua língua. Por exemplo, uma classificação recente lista 220 falantes de Yawalapiti (família Aruak, no Xingu) e 29 falantes de Arikapú (família Jaboti, Rondônia). No entanto, lingüistas que trabalham com essas línguas afirmam existir apenas três e dois falantes, respectivamente, de cada uma. Certamente, o número de falantes é muito menor do que se pensava e a situação das línguas é, portanto, mais grave.

Transmissão de Línguas:

O fato que determina o futuro de uma língua é a sua transmissão à geração subsequente. Esses dados também são difíceis de apurar. O exemplo dos Tembé, um dos maiores grupos do Pará, mostra a seriedade da situação. Um levantamento informal feito por Moore, em 2007, com base em informações fornecidas pelos próprios indígenas (mas não verificadas em cada aldeia), indica que os Tembé do Guamá não falam mais a sua língua. E, das 111 famílias Tembé do Gurupi, somente 11 falam a língua normalmente em casa. É com razão que esse povo, como vários outros, está preocupado com a sobrevivência de sua língua.

Perigo Imediato:

Enquanto todas as línguas indígenas estão em risco de extinção, é útil, com base no levantamento apresentado na tabela abaixo, chamar atenção para os casos de línguas que correm risco de desaparecimento no futuro próximo e que não têm um número razoável de falantes em outro país. Das cerca de 150 línguas indígenas, pelo menos 21% (marcadas com ponto de exclamação na tabela) estão seriamente ameaçadas de desaparecer em curto prazo, devido ao número reduzido de falantes e à baixa taxa de transmissão para as novas gerações.

Pesquisas de Línguas Indígenas:

Essa situação é ainda mais preocupante porque justamente as línguas mais ameaçadas são aquelas com maiores chances de serem ainda desconhecidas pela ciência. Na tabela abaixo, o grau de estudo de cada língua é estimado. Apesar do avanço dos estudos lingüísticos de línguas indígenas nas últimas décadas, o levantamento revela que essas línguas são conhecidas apenas em parte, e que sobre quase metade há pouco ou quase nenhum estudo realizado. O grau de conhecimento científico das línguas indígenas no Brasil, considerando somente línguas que provavelmente têm falantes, é aproximadamente o seguinte:

- 13% possuem uma descrição completa
- 38% possuem uma descrição avançada
- 29% possuem uma descrição ainda incipiente
- 19% possuem pouca ou nenhuma descrição científica significativa

Nos casos de línguas com mais de um dialeto listado, o grau de conhecimento é o grau de conhecimento do dialeto mais estudado. Esses números são aproximados. Conforme

os estudos vão avançando, eles tendem a mudar rapidamente. Todas as línguas têm valor científico, mesmo as que contam com poucos falantes. Por exemplo, graças a um estudo da língua Arikapú, com somente dois falantes, foi descoberto recentemente que a família lingüística Jabutí pertence ao tronco lingüístico Macro-Jê, o que implica que esse importante tronco se estendeu ao sul de Rondônia há mais de 2.000 anos, forçando uma revisão das idéias sobre a pré-história dos povos Macro-Jê.

O Movimento Mundial em Documentação e Revitalização de Línguas

A situação das línguas no Brasil, onde muitas estão ameaçadas e em situação precária, é representativa do panorama mundial. Um movimento internacional em torno de línguas em perigo de extinção se intensificou com a publicação de um artigo em 1992 pelo lingüista Michael Krauss, que estimou que 90% das línguas do mundo estariam em perigo de extinção no século 21, se não fossem tomadas medidas preventivas. O desaparecimento dessas línguas seria uma grande perda para as comunidades nativas, visto que são os meios de transmissão da cultura e pensamento tradicionais e uma parte importante da identidade étnica.

A maneira tradicional de se descrever uma língua é elaborar uma gramática da mesma (fonética, fonologia, morfologia e sintaxe), um dicionário e uma coletânea de textos. Nos anos recentes, com a ênfase nas línguas em perigo de extinção, novos métodos de documentação foram desenvolvidos, focalizados na gravação de amostras da língua, na digitalização e anotação das gravações e no seu uso para revitalização lingüística. Essas gravações e as anotações têm de ser armazenadas em forma digital nos arquivos lingüísticos profissionais, em caráter permanente.

Nos últimos anos, dois grandes programas internacionais (DOBES – Documentação de Línguas Ameaçadas, da Alemanha, e ELDP - Programa de Documentação de Línguas Ameaçadas, da Inglaterra) vêm patrocinando projetos de documentação lingüística no Brasil e já apoiaram a documentação de 19 línguas indígenas brasileiras. A tecnologia e a metodologia de documentação lingüística melhoraram consideravelmente devido a esses programas, que apoiaram lingüistas brasileiros ou lingüistas residentes no país a realizar a documentação lingüístico-cultural com grupos nativos. Documentação nesse modelo pode ser bastante produtiva em termos científicos. Por exemplo, o Projeto Kuikúro, desenvolvido no bojo do programa DOBES, de 2001 a 2006, resultou em 45 participações em eventos nacionais e internacionais, seis capítulos de livros, oito artigos em revistas nacionais e internacionais, três livros didáticos bilíngües e uma exposição no Museu do Índio, além de ter produzido um corpo de dados que pode subsidiar muito mais estudos no futuro.

Em casos onde há um número razoável de falantes da língua e vontade de transmitir o idioma às crianças, existem várias metodologias de revitalização sendo utilizadas mundialmente.

- *Ninho de Linguagem*: crianças pequenas (que aprendem línguas sem esforço) passam tempo com os avós, que falam somente a língua materna.
- *Mestre e Aprendiz*: um falante assume a responsabilidade de ensinar a língua a um jovem.
- *Imersão*: durante certo período, a comunidade ou uma parte da comunidade, fala somente a língua nativa, e os não-falantes têm de adquirir um mínimo da língua para se comunicar.
- *Alfabetização na Língua Materna*: materiais escritos na língua geralmente aumentam o prestígio da mesma e chamam a atenção da geração mais jovem.

- *Gravações de Documentação:* música, narrativas tradicionais e outros materiais podem ser gravados e devolvidos à comunidade para familiarizar os ouvintes, especialmente os jovens, com a língua e com as tradições.

Desses métodos, a alfabetização na língua indígena é o que mais depende de pesquisa lingüística para ter base científica para representar os sons de cada língua de maneira adequada. Por exemplo, no caso dos Bakairi, relatado por Meira, em 2004, a ortografia foi adequada para um dos dois dialetos, mas inadequada para o outro, cujo sistema de sons foi diferente em certos aspectos. Os falantes do primeiro dialeto leram e escreveram com sucesso, enquanto os falantes do segundo dialeto desistiram de escrever na sua língua. O problema foi resolvido por alguns ajustes feitos pelo lingüista, com base em análise técnica da fonologia da língua.

Documentação Lingüística no Brasil:

Documentação lingüística, de qualidade variável, vem sendo feita desde o tempo dos jesuítas, em forma tradicional. Descrições científicas modernas completas, elaboradas por lingüistas brasileiros, são recentes. A digitalização e anotação de gravações de amostras naturais de línguas estão em fase inicial. A demanda por documentação por parte dos grupos indígenas está aumentando rapidamente. Programas de alfabetização e revitalização são comuns, mas os resultados não são levantados e avaliados de maneira sistemática. Algumas iniciativas governamentais colocam o Brasil entre os países mais progressistas e ativos na questão de proteção da diversidade lingüística.

Uma dessas iniciativas é o Inventário Nacional da Diversidade Lingüística, planejado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que visa executar um levantamento da situação de todas as línguas do Brasil. O objetivo é superar o problema da falta de informações confiáveis sobre a situação das línguas do país, dando base para uma política de registro e preservação.

Uma outra iniciativa de dimensão histórica é o programa DOCLIN da FUNAI – Museu do Índio, que fornecerá recursos para a documentação de línguas e para a criação de acervos digitais, fortalecendo a pesquisa e a participação das comunidades indígenas. Esse grande projeto terá início em 2008 e continuará por quatro anos.

Arquivos digitais são necessários para documentação moderna, para armazenar gravações, anotações e outras informações de maneira permanente e acessível. A vida útil de fitas, minidiscos, CDs ou outros tipos de mídia é limitada. Atualmente, arquivos digitais modernos estão sendo montados em servidores no Museu do Índio e no Museu Goeldi. Arquivos desse tipo têm como beneficiários principais os grupos indígenas, tal como na Austrália, onde 95% das consultas aos arquivos são feitas por aborígenes.

Para completar as medidas necessárias ao enfrentamento do desafio de documentar e preservar as línguas indígenas, é essencial a formação de mais lingüistas treinados nas técnicas e métodos de documentação, especialmente na Amazônia, onde a maioria das línguas indígenas são faladas. Por exemplo, a lingüística indígena está em fase incipiente em Manaus, onde existe uma grande demanda por serviços de lingüistas e vasto potencial científico nas pesquisas das muitas línguas do estado do Amazonas.

Sumário de Dados sobre as Línguas Indígenas:

Neste Sumário, enfatizamos que as informações apresentadas são aproximadas, devido à falta da coleta sistemática de dados sobre a situação das línguas indígenas do Brasil. Muitas das informações apresentadas aqui são revisões das informações apresentadas por Moore, em 2006. Algumas informações publicadas por Rodrigues, em

2006, foram adaptadas e outras informações e sugestões foram oferecidas por vários lingüistas.

Os nomes das línguas e sua classificação genética são adaptados do website do Instituto Socioambiental. Os números de população são normalmente desse mesmo website e os números de outras fontes são apresentados entre colchetes. A estimativa do número de falantes vem de várias fontes. Quando mais de uma fonte é usada, a segunda é colocada entre colchetes. Onde a informação real é desconhecida, o espaço é deixado em branco. Já que muitos grupos tribais estão presentes em vários países, é importante notar que todas as estimativas são específicas para o Brasil, excluindo falantes do mesmo grupo que vivem na Colômbia ou na Venezuela, por exemplo. Da mesma forma, a estimativa da quantidade de estudos se refere aos trabalhos realizados com os falantes no Brasil, não em outros países. Por exemplo, o Miránha não conta com estudos no Brasil, mas é bem estudado na Colômbia.

Línguas com pouca ou nenhuma descrição científica significativa são classificadas como 0 em termos de estudos; aquelas com uma dissertação de mestrado ou vários artigos são classificadas como 1; aquelas com um bom esboço geral ou uma tese de doutorado em algum aspecto da língua são classificadas como 2; e aquelas com descrição razoavelmente completa são classificadas como 3. Algumas línguas incluídas na tabela podem já estar extintas, mas são listadas de qualquer maneira, visto que uma busca cuidadosa pode encontrar às vezes falantes restantes em algum lugar. Se elas não fossem listadas a busca poderia ser abandonada prematuramente.

Tabela 1: Tronco Macro-Jê

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
<i>Família Boróro</i>						
Boróro			1024	boa	2	
<i>Família Guató</i>						
Guató		5 [40]	372	baixa	2	!
<i>Família Jabutí</i>						
Djeoromitxí (Jabutí)		30?	123	baixa	1	!
Arikapú		2	19	sem	1	!
<i>Família Jê</i>						
Akwén	Xakriabá	0?	7665	sem		
	Xavánte	maioria	9602	alta	2	
	Xerénte	maioria	1814	alta	2	
Apinayé		todos	1262	alta	2	
Kaingáng	Kaingáng do Paraná	6000	[30000] total		3 total	
	Kaingáng de Santa Catarina	1500				
	Kaingáng do Rio Grande do Sul	11500				
Kayapó (Mebengokre)	Gorotire	todos	7096 total	alta	2 total	
	Kararaô					
	Kokraimoro					
	Kubenrankegn					
	Menkrangnoti					
	Mentuktíre (Txukahamãe)					
Panará (Kren-akore, Kren-	Xikrin	todos	202	alta	2	

akarore)							
Suyá (Kisêdje)	Suyá	todos	334	alta	2		
	Tapayúna (Beço-de-Pau)	todos	58	alta			
Timbira	Canela Apaniekra	todos	458	alta	2		
	Canela	todos	1337	alta			
	Ramkokamekra						
	Gavião do Pará (Parkateyé, Kyikatêjê, Akrâtikatêjê)	todos	[478]	alta	2		
	Gavião do Maranhão (Pukobiyé)	todos	473	alta	2		
	Krahô	todos	1900	alta	1		
	Krikatí (Krinkatí)	todos	682	alta			
Xoklêng		<100?	757	baixa	1		
Família Karajá							
Karajá	Javaé	maioria	919	boa	1		
	Karajá	maioria	2500	alta	1		
	Xambioá	10	185	sem	0		
Família Krenák							
Krenák		8?	150	baixa	1		!
Família Maxakalí							
Maxakalí		maioria	802	boa	1		
Família Ofayé							
Ofayé (Opayé, Ofayé-Xavante)		10-25	56	baixa	2		!
Família Rikbaktsá							
Rikbaktsá (Erikpaksá)		med?	909	med?	1		
Família Yathê							
Yathê (Iatê, Fulniô, Carnijó)		1000-2000?	2930	?	1		

Tabela 2: Tronco Tupí
Unidade lingüística

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Família Arikém						
Karitiána		todos	320	alta	2	
Família Awetí						
Awetí		todos	138	alta	1	
Família Jurúna						
Jurúna (Yuruna, Yudjá)		todos	278	alta	2	
Xipáia (Shipáya)		2	595	sem	2	!
Família Mawé						
Mawé (Sateré-Mawé)		6219	7134	boa	2	
Família Mondé						
Aruá		12?	58	baixa	0	
Cinta-Larga	Aruá, Cinta Larga, Zoró, and Gavião são dialetos de uma língua	todos	1300	alta	1	
Gavião		todos	436	alta	2	
Salamã (Mondé)		2 semi	10?	sem	0	!
Suruí (Paíter)		todos	920	alta	1	

Zoró		todos	414	alta	0	
<i>Família Puruborá</i>						
Puruborá		2 semi	62	sem	0-1	!
<i>Família Mundurukú</i>						
Kuruáya		3?	115	sem	1	!
Mundurukú		maioria	7500	alta	3	
<i>Família Ramaráma</i>						
Káro (Arara)		maioria	184	boa	2	
<i>Família Tuparí</i>						
Ajuru (Wayoró)		8?	77	baixa	0	!
Makuráp		50	267	med?	2	
Sakurabiát (Mekém Mekens)		25	66 [70]	baixa	2	!
Tuparí		150	378	med	2	
Akuntsú		6	6	alta	1	!
<i>Família Tupí-Guaraní</i>						
Akwáwa	Parakanã	todos	800	alta	1	
	Suruí do Tocantins	todos	185	alta	1	
	Asurini do Tocantins	todos	303	boa	2	
Amanayé		há?	192	sem	0	!
Anambé		6?	132	sem	2	!
Apiaká		1	192	sem	1	!
Araweté		todos	278	alta	0	
Asurini do Xingu		maioria	106	boa?	1	
Avá-Canoeiro		maioria?	16		2	!
Ex-arredios do Pará	Aurê-Aurá	2	2		0	!
Guajá		todos	326	alta	1	
Guaraní	Kaiowá	maioria	34000	alta	2 total	
	Mbyá	maioria	total			
	Nhandéva	maioria				
Guarasú		2	?	sem	0	!
Kaapór (Urubu-Kaapór)		todos	800	alta	3	
Kamayurá		todos	355	alta	3	
Kayabí		600-900?	1000	alta	1	
Kawahíb	Parintintin	10	156		2 total	
	Diahói (Jiahui)	1	50			
	Juma	5	5	sem		
	Karipúna	10	21			
	Tenharím	350	585	med		
	Amondáwa	todos	83	alta		
	Uru-Eu-Wau-Wau	todos	87	alta		
Kokáma	Kokáma	5?	622	baixa?	2	!
	Omágua (Kambéba)	poucos?	156 [240]	baixa?	0	!
Língua Geral Amazônica (Nheengatú)	= Tupí-Guaraní alterado por contato	>6000?		med	1	
Tapirapé		maioria	438	alta	2	
Tenetehára	Guajajára	maioria	[13100]		2	
	Tembé	60-100	820	baixa	2	
Wayampí (Waiãpi, Oiampi)		maioria	525	alta	2	
Xetá		3?	8			!
Zo' é (Puturú)		todos	152	alta	1	

Tabela 3: Família Aruák (Maipure)

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Apurinã (Ipurinã)		2000-3000?	4087	med	2	
Baniwa do Içana (Kurripako, Kuripako)		maioria	5141 [5000]	alta	3	
Baré		0?	2790	sem	1	!
Kaixána		1	224	sem	0	!
Kámpa (Axíninka)		maioria	813	alta	0	
Kinikinau		poucos	250	sem	1	!
Mawayána		<10	[<10]	sem?	0	!
Mehináku	próx Waurá	todos	199	alta	1	
Palikúr		maioria	918	boa?	1	
Paresí (Arití, Haliti)		1000-1200	1293	boa	1	
Píro	Manitenéri	maioria	937 total	boa	0	
	Maxinéri				0	
Salumã (Enawenê-Nawê)	próx Paresi	todos	320	alta	2	
Tariána	Yurupari-Tapúya (Iyemi)	100	1914	baixa	3	
Teréna (Terenó)			15795	baixa	1	
Wapixána		3000-5000?	6500	varia	1	
Warekéna		20-40	491	baixa?	2	!
Wauja (Waurá)	próx Mehináku	todos	321	alta	2	
Yawalapití		4-8	208	sem	1	!

Tabela 4: Família Karíb

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Aparaí (Apalaí)		maioria	415 com Wayana[150?]	alta	2	
Arára do Pará (Ukarãgmã)		todos?	195	alta?	1	
Bakairí		maioria	950	boa	2	
Galibí do Oiapoque (Kaliña)			28	baixa?	0	
Hixkaryána		maioria	[550]	alta	3	
Ikpéng (Txikão)		todos	319	alta	2	
Ingarikó (Kapóng, Akwaio)		1170	[1170]	boa	2	
Kalapálo	Kalapálo, Kuikúru, Matipú, Nahukwá são dialetos de uma língua	maioria	417	alta	1	
Kaxuyána (Warikyána)	Shikuyána é dialeto	Kax:130 Shik:20	150	med	1	
Kuikúru		todos	450 [500]	alta	3	
Makuxí		maioria	16500	boa?	3	
Matipú		poucos	119	baixa	0	
Mayongóng (Makiritáre, Yekuána)		maioria	426	alta	0	
Nahukwá		todos	105	alta	1	

Taulipáng (Pemóng)	maioria	532	alta?	1
Tiriyó (Tirió, Trio)	todos	900	alta	3
Waimirí (Waimirí-Atroarí)	todos	931	alta	2
Wai-Wai	todos	2020	alta	2
Wayána	maioria?	300?	med?	2
		450 com Apalaí		

Tabela 5: Família Páno

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Arára (Shawãdawa)	Arára, Shanenáwa, Yamináwa, Yawanawá talvez dialetos de uma língua	9?	319		1	
Katukína do Acre (Katukína Páno)		todos	318	boa	1	
Kaxararí			269		1	
Kaxinawá (Hantxa Kuin)			3964	varia	2	
Korúbo		todos	250		0	
Kulína (Kulíno)			20 [125]			?
Marúbo		todos	1043	alta	2?	
Matís		todos	239	alta	2	
Matsés (Mayorúna)		maioria	829 [250]	alta	2	
Nukiní		há?	458	sem?	0	!
Poyanáwa		2	403 [180]	sem	1	!
Shanenáwa			178 [160]	varia	2	
Yamináwa (Jaminawa)		maioria	618	boa	0	
Yawanawá		maioria	450 [220]		2	

Tabela 6: Família Tukáno

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Arapáso		0?	328		0	
Bará (Waimajã)			39		0	
Barasána			61		0	
Desána	próx Siriáno	500-600?	1531	med	1	
Yurutí (Jurití)	próx Tuyúka	há?	[50?]			
Karapanã			42		0	
Kotiria (Wanáno)		maioria	447	alta	2	
Kubéwa (Kubeo, Cubeo)		150-200	287	alta	0	
Makúna (Yebá-masã)			168		0	
Siriáno			17 [10]		0	
Tukáno (Tucano)		7000?	4604	alta	3	
Tuyúka			593	med	0	
Waíkana (Pira-Tapúya)	próx Kotiria	500-600?	1004	med	0	

Tabela 7: Família Arawá

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Banawá-Yafí		todos	100	alta	1	

Dení	todos	738	alta	1
Jarawára	todos	180	alta	3
Kulína (Madija)	maioria	2318	alta	3
Paumarí	290	870	baixa	3
Jamamadí (Yamamadí, Kanamantí)	todos	800	alta	1
Suruahá (Zuruahá)	todos	143	alta	1

Tabela 8: Família Katukína

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Katukina-Kanamari	Kanamari	Todos?	1327	boa	1	
	Katukína do Rio Biá (Pi:da Dyapa)		450	boa	1	
	Tyonhuk Dyapa, Txunhuã-Djapá (Tsohom-Djapá)	30?	100		0	

Tabela 9: Família Makú

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Dâw (Dow, Kamã)		120	[120]		2	
Hup (Hupda,)	próx Yuhúp	todos	[1900]	alta	3	
Nadëb (Guariba, Xiruai)		350	[675]	med	1	
Yuhúp		617	[617]	alta	1	

Tabela 10: Família Nambikwára

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Nambikwára do Norte (Mamaindê, Latundê, Nagarotê)		323	[346]	med	2	
Nambikwára do Sul		todos	[721]	boa	2	
Sabanê		5 ativos	[30]	sem	2	!

Tabela 11: Família Txapakúra (Chapakura)

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Kujubím (Kuyubi)	Moré	2?	27 [50]	sem	0	
Oro Win		5?	50		1	!
Torá		0?	51 [250]	sem	0	!
Urupá		?0	[150] há?		0	!
Warí (Pakaanova)		todos?	1930	boa	3	

Tabela 12: Família Yanomámi

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Ninám (Yanam)		466	11700	alta	2	
Sanumá		462	total	alta	2	
Yanomám (Yanomae)		4000		alta	2	
Yanomámi		6000		alta	3	

Tabela 13: Famílias Menores

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
---------------------	------------------	--------------	-----------	-------------	---------	---------

<i>Família Bóra</i>						
Miránha	dialeto de Bóra	poucos?	613	sem?	0	
<i>Família Chiquíto</i>						
Chiquitáno		20-80?	2000	baixa	1	
<i>Família Guaikurú</i>						
Kadiwéu		maioria	1592 [900]	alta	2	
<i>Família Múra</i>						
Múra		há?	5540	sem	0	!
Pirahã		todos	360	alta	3	
<i>Família Samúko</i>						
Chamakóko		?	40		0	

Tabela 14: Línguas Isoladas

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Aikaná (Masaká, Kasupá)		150	180	med?	2	
Irántxe	Mynky (dialect)		326		2	
Kanoê		5	95	baixa	2	!
Kwazá (Koaiá)		25	25 [40]	baixa	3	!
Máku		0?	[0?]	sem	1	!
Trumái		51	120	baixa	2	!
Tikúna		maioria	32613	alta	3	

Tabela 15: Línguas Crioulas

Unidade lingüística	Dialetos, Grupos	No. Falantes	População	Transmissão	Estudos	Urgente
Galibí Marwóno			1764 [860]		0	
Karipúna do Norte			1708 [672]		1	

Referências bibliográficas

KRAUSS, M. The world's languages in crisis. **Language**, n. 68, p. 4-10, 1992.

MEIRA, S. O lingüista e a ortografia indígena: o caso da língua Bakairi. **Revista de Estudos e Pesquisas**, v.1, n.2, p.73-100, 2004.

MOORE, D. Brazil: Language Situation. In: BROWN, K. (org. geral). **Encyclopedia of language and linguistics**, 2. ed. Oxford: Elsevier, 2006. v. 2. p. 117-128.

RIBEIRO, E.; van der VOORT, H. Nimuendajú was right: The inclusion of the Jabuti language family in the Macro-Jê stock. **International Journal of American Linguistics**. no prelo.

RODRIGUES, A. D.. As línguas indígenas no Brasil. In RICARDO, B.; RICARDO, F. (orgs). **Povos indígenas no Brasil 2001/2005**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2006. p.59-63.